



Produto Educacional: Protocolo de Planejamento e Orientações Didáticas: Ensino de Ortografia para alunos com Deficiência Visual, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Lucélia Lôbo Teixeira- Mestranda

Profa. Dra. Eliana Márcia dos Santos Carvalho- Orientadora

Linha de Pesquisa: Ensino, Saberes e Práticas Educativas



## DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

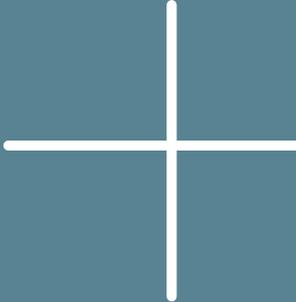
- Origem do produto: Trabalho de dissertação intitulada: "O português que não se vê: as implicações no ensino de ortografia para alunos com deficiência visual"
- Nível de ensino a que se destina o produto: Educação básica
- Área de conhecimento: Educação
- Público alvo: Professores da rede básica de ensino
- Categoria deste produto: Ensino de Ortografia
- Finalidade: Auxiliar professores no planejamento para o ensino de ortografia com alunos com deficiência visual
- Organização do produto: O material elaborado visa auxiliar professores a conceber estratégias inclusivas por um processo de 05 blocos. Cada bloco apresenta informações que orientam o professor a conhecer o aluno e desenvolver ações para o planejamento de ensino
- Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito da autoria do produto. Não é permitido o uso comercial por terceiros
- Divulgação: Por meio digital/E-book
- Instituição financiadora: a própria autora– Lucélia Lôbo Teixeira
- Idioma: Português
- Cidade: Caetité
- UF: Bahia
- País: Brasil



## RESUMO

Este protocolo tem como objetivo subsidiar o trabalho de professores que atuam na Educação Básica e possuem alunos com deficiência visual, alfabetizados e usuários do Sistema Braille. Para tanto, sugere-se uma prática inclusiva para o ensino de ortografia por meio de planejamento e de orientações didáticas, que possibilitem reduzir as ocorrências de erros ortográficos evidenciadas em suas escritas. Deve ser utilizado em planejamento, como autoformação, mas pode-se também em capacitações para formação continuada docente. Apresentam-se neste protocolo, alguns elementos que asseguram a estes alunos o acesso a um ensino equitativo e acessível como: informações gerais a respeito da deficiência visual, a importância do trabalho colaborativo com o professor de atendimento educacional especializado, sugestões para o planejamento de ensino com orientações didáticas, adequações para o ensino remoto, um adendo sobre as séries iniciais e uma breve abordagem sobre audiodescrição que garantem a participação desses alunos nas aulas de ortografia. Modelos de ficha para sondagem, ficha para a avaliação do planejamento, ficha para o perfil do estudante e também estão inclusos modelos de atividades adaptadas, exemplos de audiodescrição e leituras complementares. Ao longo dos 5 blocos, que subdividem o Protocolo, o professor poderá acessar o material pelo QR CODE (Quick Response Code) que se apresenta em forma de uma etiqueta ilustrada com um código digital.

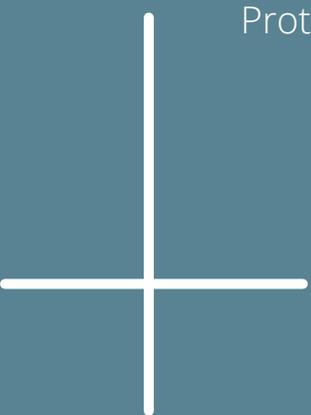
Palavras-chave: Inclusão Escolar; Ensino de Ortografia; Deficiência Visual; Protocolo.



## ABSTRACT

This protocol aims to support the work of teachers who work in Basic Education and have students with visual disability who are literate and Braille users. To do so, it suggests an inclusive practice for teaching spelling through planning and didactic guidelines, which may reduce the occurrences of spelling mistakes evidenced in their writings. It should be used in planning, as self-training, but can also be used in training courses for continued teacher education. This protocol presents some elements which ensure these students the access to an equitable and accessible teaching, such as: general information about visual impairment, the importance of collaborative work with the specialized educational service teacher, suggestions for the planning of teaching with didactic guidelines, adaptations for remote teaching, an addendum on the initial grades and a brief approach on audiodescription which ensure the participation of these students in spelling classes. We also include sample forms for surveys, planning evaluation forms, and student profile forms, as well as adapted activity models, examples of audio description, and supplementary reading. Throughout the five blocks that subdivide the Protocol, the teacher can access the material through the QR CODE (Quick Response Code), which is presented in the form of a label illustrated with a digital code.

Keywords: School Inclusion; Teaching Spelling; Visual Impairment; Protocol.



PREZADO (a)

PROFESSOR (a)



O presente Protocolo de Planejamento e Orientações Didáticas para o ensino de ortografia originou dos meus anseios como professora do Atendimento Educacional Especializado – AEE e se formatou no processo de pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional da UNEB, Campus VI, em Caetité – Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), na Linha de Pesquisa 2 – Ensino, Saberes e Práticas Educativas.

Esta proposta destina-se para professores de Língua Portuguesa da rede básica de ensino que possuem em suas classes alunos com deficiência visual, alfabetizados e que fazem uso do Sistema Braille. Este Protocolo visa auxiliar professores a conceber estratégias inclusivas por um processo de 05 blocos. Cada bloco apresenta informações que orientam o professor a conhecer o aluno e desenvolver ações para o planejamento de ensino.

Dessa forma, as sugestões didático-pedagógicas aqui tracejadas poderão fortalecer o processo de ensino-aprendizagem e garantir o direito de aprender do aluno com deficiência visual.

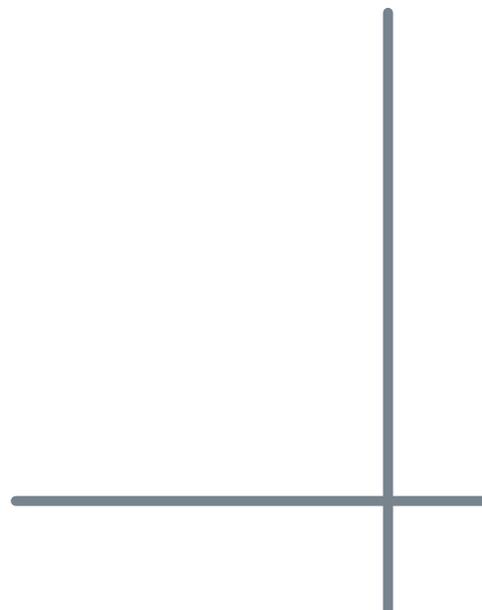


**O Protocolo de Planejamento e Orientações Didáticas para o ensino de ortografia dispõe do trabalho envolto nas seguintes premissas:**

A ortografia é importante para todas as pessoas, seja com deficiência ou não, já que a sua aprendizagem é um dos elementos que permite a participação no mundo letrado.

A Língua Portuguesa possui uma complexidade na sua composição escrita e oral que traz diversas dificuldades para os seus usuários possibilitando a ocorrência de erros.

Adequações nas práticas de ensino com uma abordagem inclusiva nos preceitos do trabalho colaborativo.



*Dedico a todos os professores que acreditam numa Educação equitativa e de qualidade para todos. E que compreende que o ato de ensinar é questão de desejo, reflexão, conhecimento, sensibilidade e afetividade.*

*A dedicatória estende aos meus alunos com deficiência visual que modificaram à minha maneira de ser professora.*



# SUMÁRIO

Como utilizar este protocolo.....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>BLOCO 1-NOÇÕES SOBRE DEFICIÊNCIA VISUAL</b> .....	14
Orientações Gerais para a inclusão do aluno com deficiência visual na sala de aula.....	15
Trabalho/Parceria Colaborativo.....	17
<b>BLOCO 2- ENSINO DE ORTOGRAFIA</b> .....	22
Ressignificação das Práticas de Ensino .....	23
Aprendizagem Significativa.....	24
<b>BLOCO 3- EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM</b> .....	25
Perfil do aluno.....	26
Planejamento Prévio.....	27
Dicas para o planejamento.....	27
<b>BLOCO 4- SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM</b> .....	29
Ciclo de Ensino Inclusivo.....	30
Atividades permanentes.....	31
Atividades complementares.....	33
Um pouco sobre Audiodescrição.....	35
Ensino Remoto.....	38
Uma conversa sobre ensino remoto e suas adaptações.....	39
Um adendo sobre atividades complementares para séries iniciais.....	44
<b>BLOCO 5- O QUE FAZER COM AQUELE ALUNO QUE PARECE NÃO AVANÇAR?</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48



# COMO USAR ESTE PROTOCOLO

## PARA ELUCIDAR!

1 Este é um protocolo para seu planejamento. E não “o seu planejamento”, todo ele já descrito, passo a passo. Pelo contrário, como protocolo, este material orienta, indica caminhos possíveis, propõe alternativas mais inclusivas.

## O USO DESTE PROTOCOLO PODE SER VINCULADO AO TRABALHO COLABORATIVO COM O PROFESSOR DO AEE

2 Este material deverá ser tratado como subsídio para discussões no trabalho colaborativo com o professor de Atendimento Educacional Especializado – AEE. Este Protocolo não está pronto e acabado – é, sim, um ponto de partida para reflexões que levam à condução de uma prática de ensino inclusivo. Este Protocolo pode ser um caminho para a autoformação.

## O PLANEJAMENTO DO TRABALHO EM SALA DE AULA É ORIUNDO DE UM PROCESSO COLETIVO

3 O professor poderá enriquecer e ampliar o trabalho à medida que avança seu percurso pedagógico com a participação colaborativa não somente do professor de AEE, mas principalmente com o aluno. Dialogue no sentido de construir as alternativas mais viáveis.

# INTRODUÇÃO

---

*Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.  
Pessoas transformam o mundo.  
Paulo Freire*

A inclusão de alunos com deficiência no ensino comum ainda é considerada um desafio, isso porque o acesso, a permanência e o ensino de qualidade exigem soluções efetivas. O chamamento, então, para essa efetivação amplia-se para a família, para a gestão e coordenadores, funcionários da escola, equipe multiprofissional e para os governantes, seja na esfera municipal, estadual ou federal.

Nós, professores, com nossas ações assertivas, mais próximas e tipicamente planejadas, podemos promover mudanças inclusivas tão necessárias para manter estes alunos na sala de aula até ao seu maior nível de formação desejada. Com a universalização da educação básica, a inserção de alunos com deficiência nas escolas de ensino básico se firmou e possibilitou caminhos para que este público não seja mais estigmatizado ou que permaneça fora do processo educativo.

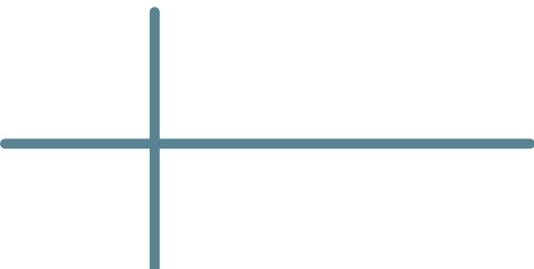
A presença de um aluno com deficiência visual na escola comum e o seu direito à educação precisam ser respeitados, e é necessário que toda a comunidade escolar compreenda o que significa ser uma pessoa com deficiência, e valorize suas potencialidades e não suas limitações.

Este Protocolo possibilita construir um trabalho mútuo e reflexivo com parceria entre o professor do Atendimento Educacional Especializado e o professor do ensino comum. O objetivo maior é possibilitar que todos os nossos alunos tornem-se leitores e escritores competentes – e comprometermo-nos com a construção de uma escola inclusiva que desenvolve uma aprendizagem significativa.

Sabemos que a escrita não é vista como um código que deve ser decifrado e, sim, como um sistema de representação que se efetiva por meio da linguagem, nas diferentes situações em que ela se realiza. Nesse sentido, a escola deve propor atividades acessíveis e organizadas nas diferentes práticas de linguagem para que os alunos com deficiência visual tenham sentido em aprender.

Dessa maneira, o protocolo traz em seu bojo os aspectos que fundamentam o contexto de aprendizagem do aluno com deficiência visual e busca articular com os professores as ações preconizadas nos dispositivos legais, bem como a sensibilização para o desenvolvimento de estratégias inclusivas.

AMOSTRA ILUSTRATIVA DE PROJETOS COM ALUNOS E PROFESSORES DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE CAETITÉ



# BLOCO 1

## NOÇÕES SOBRE DEFICIÊNCIA VISUAL



A visão é um dos principais sentidos para o ser humano, pois exerce influência fundamental sobre o desenvolvimento social, psíquico e intelectual dos indivíduos. Considerada um elemento de integração do homem com o seu meio, a visão é o sentido mais importante de socialização nos mais diversos espaços de convívio, fornecendo informações sensoriais pertinentes com o meio externo. Para melhor entendermos a relevância da visão, o Projeto Olhar Brasil apresenta a seguinte definição:

a visão é capacidade que o indivíduo tem de perceber o universo que o cerca. Oitenta por cento da relação do ser humano com o mundo se dá por meio do sentido da visão. Para que o sentido da visão seja aproveitado de maneira plena, é fundamental que toda a via sensorial visual esteja perfeita (os dois olhos, nervos ópticos, as vias ópticas cerebrais e o córtex occipital) (BRASIL, 2008, p.14).

Em conjunto com a audição, tato, paladar, olfato e inclusive a sinestesia, formam um valioso mecanismo para os processos de aprendizagem. Todavia, a sua ausência total ou mesmo sua redução promovem dificuldades das mais diversas para aqueles que precisam estudar. Por ser um sentido dominante no processo de aprendizagem, todo o contexto educacional segue essa perspectiva, valendo da maioria dos estudantes, e estabelecem sempre estratégias visuais. Com isso intensificam dificuldades para aqueles que não enxergam.

É importante compreender que a ausência da visão leva a limitações ou impedimentos quanto à obtenção de conceitos, acesso direto à palavra escrita, à orientação e mobilidade independente e à interação social. A deficiência visual é, portanto, uma deficiência sensorial, é o comprometimento ou a carência de um dos canais sensoriais de aquisição de informação.

Pedagogicamente, a baixa visão é quando a acuidade visual traz um resíduo visual que permite ler tipos ampliados, ou, então, com o auxílio de potentes recursos ópticos e não ópticos. Já a cegueira é a perda total ou um resíduo muito pequeno da visão levando a pessoa a utilizar o método Braille e outros recursos/equipamentos para o processo educacional.

Logo, todo o aprendizado para uma pessoa com deficiência visual prima pela abordagem multissensorial, pois todos os outros sentidos são, de fato, o elo que o integra ao ambiente que circunda, permitindo entender ou associar sons, texturas, temperaturas, contornos, formas, sabores, entre outros. E ainda se acrescenta a essas, possibilidades de imitar comportamentos e exercer uma atividade exploratória circunscrita a um espaço.

Acesse o QR Code ao lado para saber mais sobre Deficiência Visual:

**Atenção! É preciso ter um leitor de QR Code instalado no celular ou utilizar a câmera do Google. Feito isso, basta aproximar a câmera do smartphone.**



# ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA SALA DE AULA

## NAS AULAS

1- A apresentação inicial do professor ao aluno é importante, visto que o aluno identificará seu professor pelo reconhecimento de sua voz; E também não deixe de se anunciar ao entrar na sala, isso auxilia a sua identificação;

2- Nas aulas dê normas claras de referência, utilizando conceitos espaciais: direita / esquerda, atrás / na frente, em cima / embaixo, etc.;

3- Evite expressões “hei”, “você aí”, “aqui”, “está vendo aqui”, “esse aqui”, “aquele ali”, quando se dirigir ao aluno fale o nome da pessoa, objeto ou ação a qual você está se referindo;

Acesse o QR Code a seguir para mais dicas:



4- O conteúdo programático deve ser disponibilizado de forma digital ou em Braille, ou salvo no Word (necessário o professor sempre ter em mãos um Pen-drive);

5- Os textos e demais leituras que serão solicitados aos alunos devem ser convertidos a formatos acessíveis como em: Braille, áudio, doc. no Word ou texto eletrônico – e-mail;

6- Livros didáticos, apostilas podem ser encaminhadas (com antecedência) ao Atendimento Educacional Especializado para a produção do acervo digitalizado;

7- O aluno também pode gravar (em áudio ou vídeo) a aula, mas deve-se obter autorização do professor em questão e estabelecer regras em consenso do uso das gravações;

8- Quando forem trabalhadas imagens (livros, cartazes, slides), explorar a fala narrativa e descritiva, observando os aspectos mais relevantes e objetivos;

9- Quando forem trabalhados equipamentos, objetos, miniaturas, imagens em alto relevo explorara fala descritiva e o tato;

10- Explique em voz alta tudo que expor na lousa. Caso seja necessário a cópia leia em voz ou solicite um colega para auxiliar o aluno;

11- Peça ao aluno para ter sempre sobre a carteira a reglete com papel ou a máquina Braille ou notebook para fazer as anotações dos conteúdos das aulas;

12- Verifique se aluno guarda algum material na escola. Oriente-o a buscar momentos antes do início da aula;

13- Encoraje o aluno a se locomover pela classe, pedindo que ele se dirija até você ou carteira dos colegas.

# ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA

- 1- O aluno deve sentar-se nas fileiras da frente para que o barulho não seja empecilho para ouvir as explicações;
- 2- Proporcione um ambiente audível para transmissão dos conteúdos;
- 3- Mantenha sempre as janelas e portas totalmente abertas ou fechadas. Uma vez que, mantendo- as semiabertas podem machucar o aluno;
- 4- Caso mude de sala ( auditório, sala de vídeo etc.) oriente o aluno de modo que possa locomover-se sozinho. Caso seja a um ambiente que lhe é desconhecido conduza este aluno.

## Avaliação

- 1 - Devem ser exploradas as potencialidades do aluno - foco na habilidade, não na deficiência, sem minimizar o grau de exigência;
- 2- Observar se o aluno apresenta outras especificidades que dificultam seu aprendizado;
- 3- Considere a flexibilização da metodologia de avaliação conforme histórico do/a aluno/a (sabe Braille, utiliza notebook com softwares de voz, utiliza reglete ou máquina Braille, só realiza atividades orais e ainda se necessita de material em relevo, concreto ou miniaturas);
- 4-O aluno ou professor, ao optar por uma forma adaptada de prova ou por algum auxílio para realização, deve solicitar estes recursos (com antecedência mínima de 10 dias) junto à secretaria da escola ou caso seja necessário ao atendimento educacional especializado;
- 5- O local, horário e data de realização das provas devem ser o mesmo que os demais colegas videntes. Com exceção daqueles alunos que necessite de auxílio que se utilizará da voz de outra pessoa.
- 6- Estenda a margem de tempo para realização da avaliação de aprendizagem. O tempo adicional dependerá das características da avaliação que vão do atendimento educacional especializado à equipe multiprofissional ( psicólogo terapeuta funcional, fisioterapeuta, psicopedagogo, fonoaudiólogo, entre outros).



## TRABALHO COLABORATIVO/PARCERIA

Sabemos que muitas mudanças no campo educacional estão se tornando cada vez mais necessárias e estabelecem a educação comum e a educação inclusiva como adjacentes nesse processo de renovações, conduzidas pela inclusão de alunos da Educação Especial.

A efetivação de uma estrutura educacional inclusiva é um processo complexo, sendo que todo o espaço escolar precisa estar preparado, para desenvolver um bom trabalho. Para tanto, seria necessário considerar alguns aspectos importantes para este fim, como a responsabilidade e compromisso político do poder governamental nas ações que envolvem todo o processo com adequações arquitetônicas, fornecimento de recursos pedagógicos e promoção de formação prévia e continuada dos professores, e a participação de toda a comunidade escolar com o planejamento da inclusão. São aspectos essenciais para viabilizar e facilitar o acesso mais justo e participativo na aprendizagem dos alunos, reforçando a cultura escolar e eliminando barreiras quanto à inclusão.

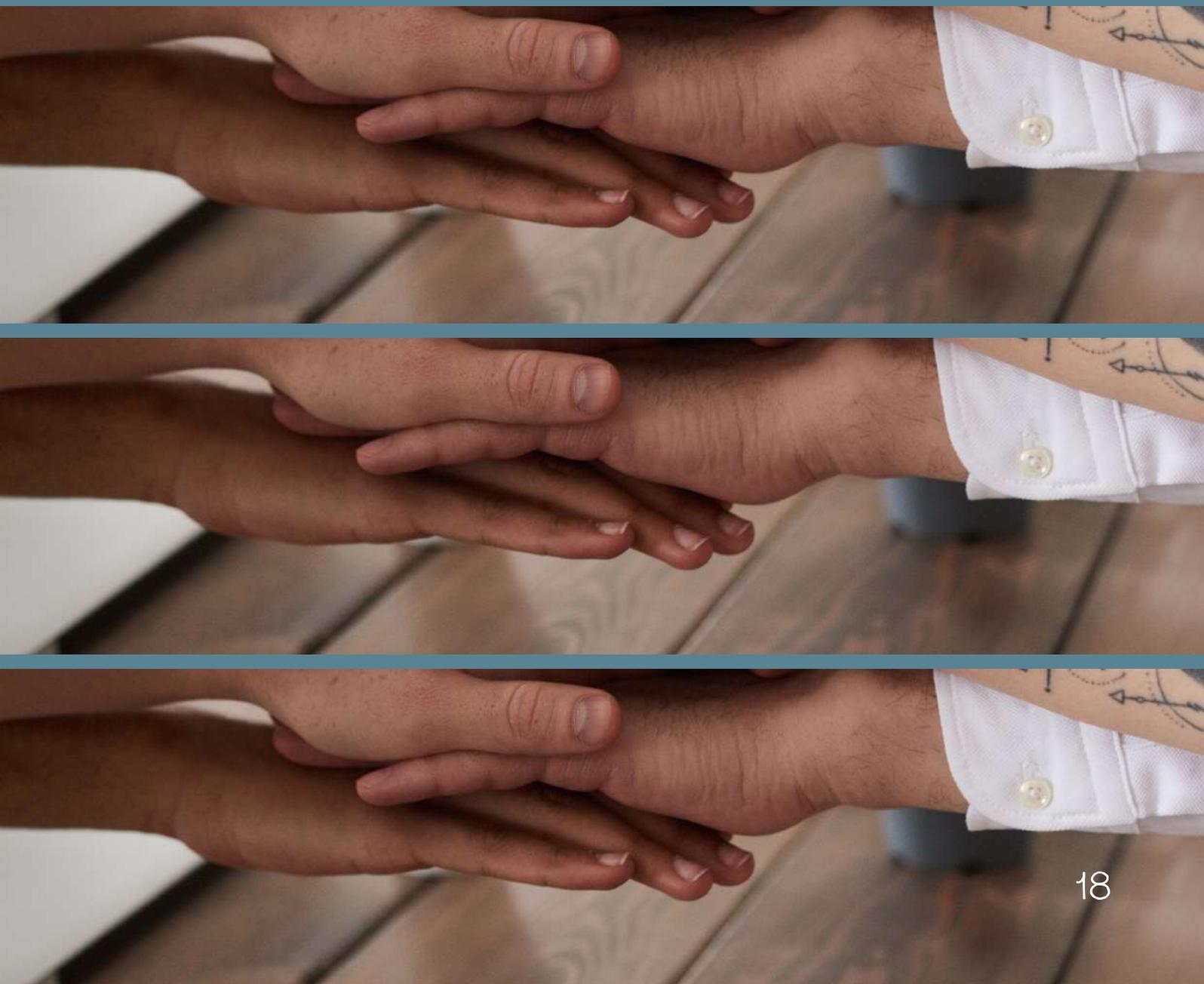
Todavia, independente dessa complexidade é preciso que os professores busquem por ações cotidianas dentro da sala para a promoção de ajustes sociais mais tangíveis que os possibilitem, e aos alunos, também, a liberdade no processo ensino aprendizagem com vistas ao conhecimento que liberta e que reivindica direitos.

A articulação entre o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o professor do ensino comum, no trabalho pedagógico que realizam junto ao aluno com deficiência visual torna-se imperativo nesse processo de mudanças. Essa nova cultura escolar requer a parceria e a colaboração interdisciplinar entre estes professores, já que há a necessidade de um exercício constante para os desafios da sala de aula.

## PARA A EFETIVAÇÃO DE UM TRABALHO COLABORATIVO

Alguns dispositivos são necessários:

- 1 - Reciprocidade entre os professores;
- 2 - Comprometimento compartilhado na prática;
- 3 - Valorização dos saberes individuais, da autonomia e da responsabilização de cada um na sua área de atuação;
- 4- Maior diálogo entre gestão, coordenação pedagógica para promover espaços e tempo adequados para o planejamento entre os professores;
- 5- Articulação desde o planejamento até os conteúdos curriculares para possibilitar adaptações necessárias em tempo hábil;
- 6- Além das trocas de ideias, recursos, entre outros aspectos da prática docente é imprescindível a reflexão crítica e conjunta acerca do como ensinar;
- 7- Entender a atuação de cada um, ou seja, o que compete ao professor do ensino comum e o que compete ao professor do AEE no contexto de apoio à escola comum, como descrito a seguir:



# PROFESSOR DE AEE



O professor de AEE é um profissional que atua sobre as peculiaridades de certos alunos, provendo recursos, meios, equipamentos, linguagens e conhecimentos que os apoiam no acesso e participação no ensino comum (BAHIA, 2017, p. 87-88). Cabe a ele,

- Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos, público-alvo da Educação Especial;
- Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- Ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum, bem como em outros ambientes da escola;
- Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares;
- Realizar itinerância, sempre que necessário.

## PROFESSOR DO ENSINO COMUM



O professor do ensino comum é o profissional responsável pela disciplina/classe e pela aprendizagem do aluno com deficiência visual. Cabe a ele,

Dispensar ao aluno com deficiência visual a mesma atenção que aos demais alunos da turma;

O apoio deve estar em consonância com as especificidades da deficiência do aluno;

Comunicar frequentemente com o professor do ensino especial, informando-o dos progressos e das dificuldades do aluno;

Fornecer, ao professor do AEE, o material de estudo do aluno (livros, capítulos, textos, imagens, avaliações entre outros) que necessite transcrever para Braille, ou adaptar de modo que o aluno com deficiência visual possa compreendê-los.

# PRINCÍPIOS DA INTERDISCIPLINARIDADE

---

Os professores precisam adotar os princípios da prática interdisciplinar de Ivani Fazenda (2012), já que estão entranhados na prática educativa para o aluno com deficiência.

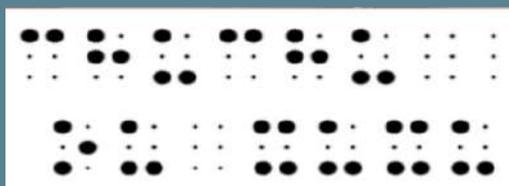
Isto porque se trata de “um tecer coletivo de saberes e olhares” sendo agentes dessa teia a família, a escola comum e os profissionais de diferentes especialidades que vão do Atendimento Educacional Especializado à equipe multiprofissional (psicólogo, terapeuta funcional, fisioterapeuta, psicopedagogo, fonoaudiólogo, entre outros). Os princípios da prática interdisciplinar no contexto inclusivo:

- O Desapego - como essencial para viabilizar a troca e a construção de novos conhecimentos e parcerias, por meio do diálogo, em detrimento das condições de vida do aluno com deficiência;
- A Humildade - quando o professor se liberta de ser o dono da verdade, reconhece seus limites de seu conhecimento, permite-se colocar na posição do aprendiz e valoriza as habilidades dos alunos com deficiência que conseguem dentro das dificuldades impostas pela sua deficiência;
- A Espera - nos faz entender como o respeito neste processo do aprendizado das percepções sensoriais é importante para compreendermos que o tempo e o ritmo de cada aluno com deficiência visual varia de acordo com a faixa etária, grau de comprometimento visual, meio social, vontade própria, entre outros aspectos;
- A Coerência e o Respeito - para o sucesso do processo de inclusão da pessoa com deficiência nas mais diversas esferas sociais, não se pode tê-lo sem a coerência que é a conexão entre o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos envolvidos na ação educativa, com a base da relação construtiva que é o respeito.

O Trabalho Colaborativo/Parceria certamente beneficiará o aluno com deficiência visual, pois possibilita o respeito à diversidade e ao enfretamento de desafios como segregação, isolamento na sala de aula e negação do direito ao conhecimento.

# BLOCO 2

## ENSINO DE ORTOGRAFIA



chuchu ou xuxu

A ortografia é importante para todas as pessoas, seja com deficiência ou não, já que a sua aprendizagem é um dos elementos que permite a participação no mundo das letras. A Língua Portuguesa possui uma complexidade na sua composição escrita e oral que traz diversas dificuldades para os seus usuários possibilitando a ocorrência de erros. Assim, o domínio da escrita padrão do nosso idioma é um aspecto social importante para que os usuários da língua estejam em iguais condições nas suas práticas discursivas, seja oral ou escrita.

Para tanto, o ensino de ortografia para com o aluno com deficiência visual precisa conceber soluções metodológicas, com materiais didáticos adaptados e estratégias não visuais capazes de fomentar mudanças importantes no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa que não se vê.

No entanto, não se deve fazer do ensino da escrita ortográfica como um fim em si mesmo, é fundamental que o processo de ensino- aprendizagem deva estar envolvido em práticas de reflexão que permitam aos alunos ampliar suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.

Segundo SILVA; MORAIS; MELO,2007, a ortografia constitui, em si, um objeto de conhecimento. E acrescenta que a ortografia é uma convenção social, e assim a criança não tem como descobri-la sozinha que seria preciso um ensino sistemático.

Defendemos, [...], que a ortografia é uma convenção, uma invenção histórica necessária para suprir limitações da notação alfabética e que constitui em si um objeto de conhecimento, o que, em nossa concepção, exige que seja ensinada de modo sistemático na escola (SILVA; MORAIS; MELO, 2007, p. 26).

Cabe ao professor ensinar a ortografia sistematicamente, em lugar de deixar que o aluno, entregue a sua própria sorte, com o tempo, venha a descobri-lo ou a aprendê-lo sozinho. É essencial que os professores avancem em sua compreensão sobre como está organizado o objeto de conhecimento que ajudarão os alunos a reconstruir.



## RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO

Para melhor intervir e potencializar o aprendizado dos alunos com deficiência visual no processo de aquisição da escrita, suas letras e seus sons, ao mesmo tempo em que se dedicam ao conhecimento das práticas sociais da escrita, deve dar-se por meio do uso de gêneros textuais vinculados a uma abordagem multissensorial centrados nas vivências e no contexto social do aluno.

Para que se possam planejar estratégias educacionais diferenciadas para o aluno com deficiência visual há a necessidade de se atentar para algumas intervenções que favorecem avanços, como:

- A transformação da sala de aula em um ambiente rico em textos no formato Braille (Cartazes, mural, textos informativos e instrutivos) permite que o aluno se sinta instigado a aprender a ler e, ao mesmo tempo, propicia a compreensão do funcionamento da escrita;
- Considerar o contexto de uso da leitura e da escrita é fundamental para que o aluno construa uma atitude favorável à aprendizagem do sistema de escrita;
- Participação em atividades de leitura e escrita, que tenha atividades simples, como ler textos curtos a médios, como conto, entrevista, carta etc. os quais podem ser rapidamente transcritos para o Braille. E assim tentar compartilhar informações valiosas sobre a escrita das palavras;
- Possibilitar para o aluno a escrita, segundo as próprias hipóteses;
- Trabalho em dupla: o aluno vidente favorece de modo considerável com o compartilhamento do entendimento e com a soletração dentro do conhecimento que eles sabem sobre os sons associados às letras. Por exemplo, os recursos que pode utilizar enquanto escreve: um aluno que ainda não considera o emprego do “Ç” pode aprender com outro quando esse lhe diz, numa compreensão simples, que a palavra MARÇO escreve com o mesmo “Ç” da palavra MAÇÃ. **IMPORTANTE!** Avalie se a dupla é de fato produtiva ou se há a necessidade de mudar parcerias que não funcionaram bem.
- Utilizar de atividades que favorecem a reflexão sobre o sistema de escrita. Por exemplo, textos já memorizados em que o aluno possa escrever sozinho, como situações de escrita que envolve cantigas, parlendas, músicas, poemas etc. Os alunos já sabendo o texto de memória, poderão dedicar sua atenção às questões de escrita. **ATENÇÃO!** Saber um texto de memória não significa saber sua forma escrita letra por letra. Lembrando que essa memorização pode acontecer pelo uso que fazem desses textos em situações significativas.
- No processo ensino-aprendizagem, o texto deve ser usado de forma criativa e contextualizado. A prática do estudo de palavras/ortografia com a leitura de textos e a leitura multissensorial promove, de maneira adequada, a busca pelo conhecimento da escrita e favorece uma participação mais ativa do aluno. Isso motiva o seu interesse e o faz atentar-se para a importância da escrita correta das palavras.

# APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

---



Uma aprendizagem significativa para o aluno com deficiência visual precisa da abordagem multissensorial associada as suas vivências. Assim, o professor permitirá o envolvimento do aluno e estabelecerá uma relação de afetividade, já que toda a mediação com a utilização do material adaptado implica aproximação com narração da imagem, do material concreto ou da adaptação em si. Dentro da concepção desta metodologia, a visão, o tato, o olfato e o paladar deixam de ser capacidades isoladas, promovendo a captação de um maior número de informações por meio dos sentidos que um indivíduo possa pôr em funcionamento.

É importante o professor redefinir os conteúdos de leitura e de escrita, observando que se trata não mais de ensinar a língua, suas regras e suas partes isoladamente, mas de incorporar ações com a utilização sensorial e a perspectiva pessoal do aluno. Para o aluno com deficiência visual é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento e essa aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com o uso de textos de verdade.

**Lembre-se!** A aprendizagem significativa para este aluno dá-se pela interação entre o conhecimento e o conhecimento prévio do aluno, considerando as limitações pelo ato de ver e que toda sua trajetória escolar, na maioria das vezes, baseou-se em estratégias visuais.

O importante é que os alunos percebam que cada texto, com seu tecer em palavras, tem uma razão para existir, cumpre uma função social. E, dependendo da situação em que é produzido e para quem está endereçado, o texto cumprirá sua função de maneiras diferente. A melhor forma de ensinar aos alunos com deficiência visual a linguagem escrita é favorecendo sua participação em situações de leitura ou escrita de textos que lhe façam sentido.

A leitura aqui é posta como âncora para o processo de sistematização da escrita, mesmo porque é essencial que o aluno com deficiência visual toque as palavras, faça a leitura tátil. Assim, o professor do ensino comum em planejamento com o professor do AEE deve articular a adaptação de textos, podendo também escolher livros já impressos em Braille que se adaptam a proposta de ensino.

**Atenção!** Cada professor do ensino comum tem a sua realidade dentro da escola e cada escola tem uma realidade. Assim, esse Protocolo não pretende padronizar o planejamento do professor, mas pode ser um instrumento de apoio que, por meio da liberdade intelectual e de cátedra, poderá adequar o planejamento às suas necessidades e as especificidades de cada aluno com deficiência visual.

*"A leitura do mundo precede a leitura da palavra"*  
Paulo Freire

# BLOCO 3

## EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM



As expectativas de aprendizagem devem ser situadas com base na aplicabilidade das estratégias educacionais diferenciadas. Para isso, é importante observar se o trabalho colaborativo e a construção das propostas com as adaptações compatíveis com as especificidades do aluno cumprem a função de mediação e se, de fato, permitiram auxiliar o professor durante o processo de construção do conhecimento, integrando num ciclo completo de ensino.

Sugere-se adotar uma perspectiva processual para aprendizagem do aluno, em que as fases de planejamento, aplicação e avaliação devem assegurar um sentido integral às variáveis metodológicas que caracterizam as unidades de intervenção pedagógica. Também as condicionantes do contexto educativo, como as especificidades de cada aluno, o processo de planejamento entre os professores, o tempo hábil para as adaptações, entre outras, que possam assumir uma posição de relevância.

### PERFIL DO ALUNO

Em uma proposta de ensino inclusiva que busca promover aprendizagem significativa, a AVALIAÇÃO INICIAL tem papel essencial no planejamento, já que a identificação das habilidades e dos saberes dos alunos pautará as expectativas de aprendizagem, bem como a elaboração das atividades em sala de aula. Assim, os primeiros aspectos a serem conhecidos pelo professor do ensino comum serão disponibilizados pelo professor do AEE.

Acesse o QR Code abaixo e verifique os dados que perfilam o aluno com deficiência visual. Vale ressaltar que os dados são registrados conforme as especificidades de cada aluno.



Observação! Essa ficha pertence ao Núcleo de Deficiência Visual do Centro Estadual de Educação Especial de Caetité – BA é disponibilizada às escolas comuns pelo professor itinerante. Pertence ao banco de dados da autora.

Como sugestão, o professor do ensino comum poderá fazer uso de textos memorizados para o diagnóstico, isso porque o aluno com deficiência visual, na maioria das vezes, demonstra uma boa memória auditiva.

Assim, solicite do aluno que transcreva textos memorizados (como uma parlenda, um poema, uma música) ou recontem, com suas palavras, um texto conhecido (uma fábula, um conto, uma lenda) sem que tenham tido acesso à versão escrita do texto-fonte para evitar dúvidas em relação ao registro, assim o que for escrito corresponderá, efetivamente, aos saberes do aluno.

O aluno poderá fazer preferencialmente em Braille ou poderá escrever no computador. Para o retorno das atividades transcritas em tinta, o professor deverá encaminhar o professor de AEE ou solicitar que o aluno leve ao Atendimento Educacional Especializado.

Importante!

- A leitura das produções deve ser solicitada pelo professor;
- O diagnóstico não deve se estreitar a uma produção, o professor deve vencer essa etapa até o momento em que tenha identificado as categorias ortográficas que julga necessário para o cumprimento da proposta curricular.

Acesse QR Code para visualizar sugestão de planilha de registro dos erros ortográficos identificados:



# PLANEJAMENTO PRÉVIO

Professor! Atente-se para o seu tempo, o tempo do aluno e o tempo do professor do AEE!

No caminhar do planejamento é preciso que os professores tenham sempre em ressalva os termos nas referências de como os alunos aprendem, chamando a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem do aluno com deficiência visual. E isso, DEMANDA tempo para analisar, elaborar e adaptar! Com isso, saberá quais recursos devem ser utilizados, confeccionados ou adaptados. Ou ainda, se há a necessidade desses recursos serem disponibilizados pelo AEE, da mesma forma o serviço de adaptação. Essa antecipação possibilita o professor dimensionar sobre quais materiais curriculares escolher e como torná-los acessíveis.

No momento do planejamento o professor sempre busca por dispositivos que melhor se adequam à proposta de cada aula, como:

- Uso do quadro-branco, audiovisuais, dicionário, livros didáticos;
- Textos, revistas, jornais, cartazes;
- Vídeos, filmes, músicas e tantos outros.

Diante disso, o professor do ensino comum deverá considerar as orientações presentes neste *Protocolo* para instrumentalizar de maneira acessível as aulas com os dispositivos acima. Lembre-se! A utilização de recursos assistivos (máquina Braille, reglete, punção, textos ou livros em Braille, notebook com sistemas de voz, audiolivro, material concreto e alto relevo, etc.) possibilitam uma ação pedagógica inclusiva.

## DICAS PARA O PLANEJAMENTO

Caro professor, atente-se para alguns aspectos:

- O planejamento possui plasticidade na aplicação, o que permite uma adaptação às necessidades dos alunos com deficiência visual;
- Promover canais de comunicação entre professor/aluno, aluno/aluno;
- Leve em conta as contribuições dos alunos no início e durante as atividades. Eles podem informar sobre quais recursos utilizar e dar sugestões na interação pedagógica;
- Potencializar a autonomia, possibilitando a metacognição;
- Evite exercícios de lacunas, caça-palavras, cruzadinhas. Considere atividades com a escrita direta;
- Privilegie exercícios que promovam a Consciência Fonológica, buscando auxiliá-lo na aquisição da ortografia oficial da Norma Padrão;
- O aluno precisa tocar/fazer a leitura tátil de palavras com grafia simples e complexas, dentro da categoria ortográfica escolhida. Pois, ao utilizar o Sistema Braille evita-se a aglutinação de palavras, isto é, ao se trabalhar com a “leitura” de frases, por exemplo, de forma sistematizada e pausada, o aluno vai observar que as palavras da frase são separadas. Para isso, tenha um número satisfatório de frases escritas em Braille e em fichas;
- A correção feita em tinta dos textos produzidos deve ter o correspondente em lista das palavras escritas incorretamente; Para isto, pode-se soletrar para o aluno e fazer uma leitura e análise conjunta ou mediada dessa escrita; Ou pode-se solicitar que o aluno escreva pausadamente no Word (caso o aluno faça uso de notebook), e depois peça que passe o cursor letra por letra da palavra e, assim, faça uma análise conjunta ou mediada. Lembrando, o notebook do aluno tem o sistema de voz.



# QUATRO SUGESTÕES IMPORTANTES

## 1- O PRECONCEITO LINGUÍSTICO DEVE SER ELIMINADO

A língua oral é uma construção cultural. É preciso que o professor esclareça sobre variação linguística, para todos na sala de aula, associando as limitações visuais que, muitas vezes, são os impeditivos para o aprendizado da escrita padrão. Muitas atividades sobre variações dialetais podem ser feitas com a turma e possibilitam a análise linguística dentro de um contexto sobre diversidade que envolve a língua e as formas de aprender.

## 2- USO DO DICIONÁRIO EM ATIVIDADES

O aluno com deficiência visual precisa ter acesso à internet para que possa navegar na busca pelas palavras.

## 3- LEITURA ASSOCIADA À ESCRITA DAS PALAVRAS

Expor o aluno com deficiência visual à leitura isolada de inúmeros livros ou textos não garante um aprendizado satisfatório da ortografia. É preciso mediação com contextualização da leitura indicada.

## 4- PROCURE SER O MAIS OBJETIVO E SIMPLES!

Diga ao aluno com deficiência visual que algumas palavras terão o mesmo som, por exemplo, o 'x' e o 'ch' e o conduza recorrer a estratégias simples de compreensão. Uma das coisas que você pode pensar é o corretor do computador ou celular para que o aluno se dê conta de como se escreve, com mais autonomia. Outra dica é provocar no aluno a substituição da palavra, no momento de produções textuais, quando ele não souber como se escreve a primeira.

## AVALIAÇÃO DO PLANEJAMENTO

A utilização de um instrumento para analisar seu planejamento poderá trazer maior segurança. É importante que esse instrumento seja utilizado para que você faça ajustes, adequando as atividades às necessidades do aluno com deficiência visual. Do mesmo modo, você poderá identificar os pontos que precisam ser melhorados em seu planejamento.

Acesse o QR Code para visualizar o instrumento!



A close-up photograph of a hand with a pointing finger directed at the words 'Please Note' written in white chalk on a dark chalkboard. The text is written in a cursive, handwritten style.

# BLOCO 4

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM



Neste Protocolo, fornecemos orientações didáticas para o trabalho, o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas, entrando em detalhes relativos ao processo de aprendizagem do aluno com deficiência visual. E agora, neste bloco, sugerimos atividades com desdobramentos que você poderá analisar dentro da sua realidade, da escola e do aluno, e colocar em prática ao longo do ano.

Para melhor condução dessas atividades, Silva (2004) aponta que no processo educacional de alunos com deficiência visual, a utilização de estratégias de ensino deve, também, considerar:

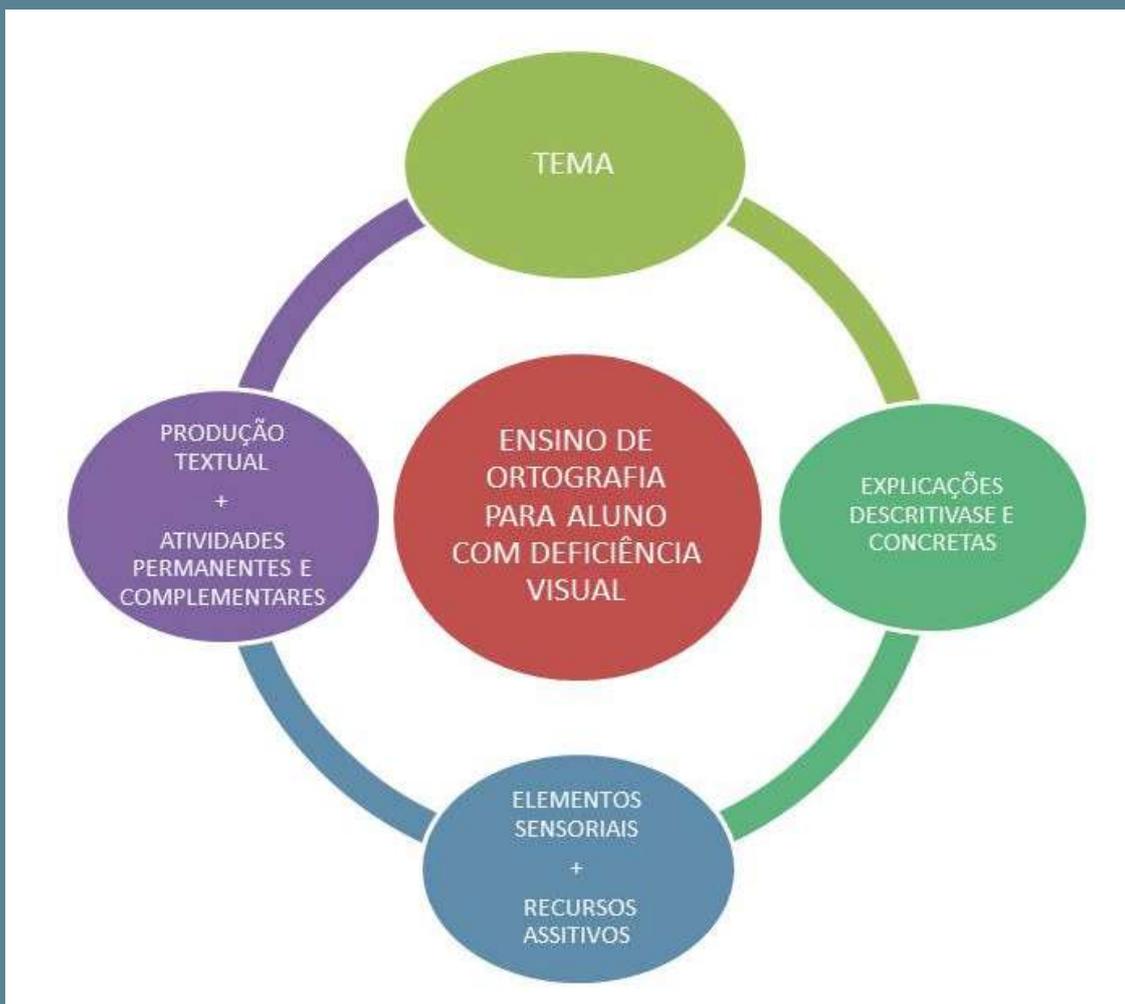
- O grau de aceitação da condição de ser cego; as implicações decorrentes da cegueira;
- As características e o funcionamento próprios de cada sentido – tato, olfato, audição, paladar;
- Os instrumentos e recursos didáticos disponíveis como: Livros, revistas e outros escritos em Braille; -Livros falados, audiolivro, materiais didáticos adaptados em alto relevo, objetos concretos e reais ;Notebook com sistema de voz e internet;
- As proposições didáticas e a formação do professor que deve ser conceitual, reflexiva e prática.

Acesse o QR Code e saiba um pouco sobre o Sistema Braille:



# CICLO DE ENSINO INCLUSIVO

Pensado sobre essas estratégias, a arte, a seguir, sintetiza os elementos que devem compor um CICLO DE ENSINO INCLUSIVO para iniciar o trabalho sobre ortografia:



Lembre-se! O seu planejamento é, e sempre será, fruto da sua experiência e das decisões profissionais que você assume em seu dia a dia.

Como vimos neste PROTOCOLO, o planejamento permite ao professor refletir sobre suas ações, organizar seu trabalho, tomar decisões sobre o que, como e quando ensinar, com base no Projeto Político Pedagógico e da Proposta Pedagógica Curricular da disciplina.

O currículo não se estabelece somente por conteúdos a serem ensinados, mas também por propósitos, métodos e procedimentos de avaliação.

Pensar em adaptação curricular implica um novo olhar metodológico, alternativas diferentes para ensinar e avaliar a ação pedagógica. Por isso, nunca pense "Isso eu não vou ensinar porque o meu aluno não enxerga mesmo".

# ATIVIDADES PERMANENTES

---



Professor, o seu aluno com deficiência visual, que utiliza o Sistema Braille, já compreende o funcionamento alfabético da escrita, ainda que com erros ortográficos. Assim, a permanência desses erros precisa ser considerada e, propostas de atividades permanentes de escrita, possivelmente será uma forma evolutiva de contemplar as expectativas de aprendizagem alocadas na solução dos erros ortográficos insistentes. As atividades podem, então, centrar-se em textos curtos que são facilmente adaptados para o Braille.

Professor (a) observe, a seguir, um exemplo sugestivo de atividade com texto curto e quais elementos precisam ser pensados no planejamento:

## ESCRITA DE POEMA

Ao propor essa atividade, pense nesses elementos:

- 1- Esta atividade pode ser realizada durante o ano todo;
- 2- Favorece preocupação com a escrita correta;
- 3- Pode ser em dupla ou sozinho;
- 4- Tema gerador: avaliar os dispositivos textuais (palavras, texto, vídeo, música, imagens etc.) a serem utilizados;
- 5- Tipos de atividades ortográficas: priorizar a escrita direta das palavras;
- 6- Recursos assistivos, identificar os mais adequados como:
  - Notebook com software de voz (Uso de dicionário no espaço digital e escrita do poema);
  - Reglete e punção (escrita do poema);
  - Audiodescrição ou adaptação em relevo;
  - Audiolivros;
  - Textos gravados em MP3 ou MP4.

Observação: o uso de textos audíveis, o aluno não terá como realizar a leitura tátil, contudo o professor pode realizar atividades em Braille ou utilizar-se, por exemplo, de fichas com frases escritas em Braille.

7- Avaliação:

- Para realizar a correção, liste as palavras para que o aluno possa refletir sobre o que foi escrito. Consulte neste Guia o item Dicas de Planejamento;
- Discutir com o aluno como poderia ter realizado a escrita correta.

## DITADO

É um instrumento que serve como forma de avaliação. Nas séries iniciais, durante o aprendizado do sistema ortográfico, ele pode funcionar como um mapa de possíveis dificuldades.

Contudo, seu uso em atividades permanentes pode ser um instrumento de fixação auditiva para o aluno com deficiência visual.

A seguir, observe algumas sugestões de ditados que podem ser utilizados para toda a turma também:

1- **DITADO SOLETRADO DAS DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS:** será satisfatório para o aluno com deficiência visual, mas poderá ser também para toda turma;

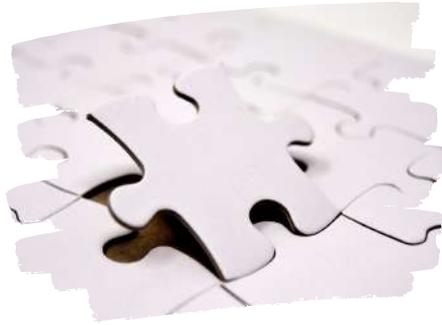
2- **DITADO COM MINIATURAS:** instrua ao aluno a escrever palavras correspondentes às miniaturas apresentadas, com o objetivo de verificar o nível de conhecimento das regras de codificação mediante uma recuperação da representação fonológica do próprio léxico. Todas as miniaturas devem pertencer à mesma classe semântica;

3- **DITADO DE MEMÓRIA:** valorize a capacidade de memorizar do aluno com deficiência visual, e o instrua a escrever palavras conforme a solicitação, com o objetivo de verificar a capacidade de acesso ao léxico ortográfico quando o mesmo usa sua memória fonológica de trabalho (exemplo: Escreva uma palavra que tenha as letras “GE” juntas no início ou no meio da palavra – “gema, algema”);

4- **DITADO DE FRASES:** instrua o aluno a escrever frases ditadas correspondentes ao tema trabalhado, com o objetivo de verificar a interferência da memória com a habilidade de codificação.

# ATIVIDADES COMPLEMENTARES

---



Professor (a) complemente os exercícios com a leitura de livros e outros materiais em Braille, sempre que possível. Esse aspecto já foi referenciado neste PROTOCOLO, e mostra-se de grande importância. Considere leituras semanais com textos um pouco mais longos! Exercite a prática da leitura. Essa poderá ser vinculada a um **FICHÁRIO DAS DESCOBETAS**.

Oriente o aluno a registrar as dificuldades encontradas, e analise se essa atividade pode ser feita ao longo do ano. Se em um dado momento, o aluno encontrar outra palavra com a mesma situação já registrada no fichário, o aluno retornará ao registro e acrescentará essa nova palavra junto às demais, de forma que as regras serão sempre retomadas, lembradas facilitando, assim, a fixação e o agrupamento considerando as semelhanças de usos ortográficos.

## **DICAS SOBRE ATIVIDADES DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

A consciência fonológica é a capacidade de segmentar, de modo consciente, as palavras em suas menores unidades, em sílabas e em fonemas.

É importante que o aluno estabeleça a correspondência entre código escrito e código oral.

A capacidade de segmentar fonema, a manipulação de sílabas e a construção de rimas fazem com que ocorra o despertar da consciência fonológica, que se compreenda que as palavras são constituídas por unidades menores, as quais se combinam entre si dando origem a outras palavras. Este processo de codificação, decodificação, comparação e reconhecimento permite que a escrita seja processada.

O aluno com deficiência visual adquire a consciência fonológica, de maneira particular, combinando a informação recebida por meio da leitura auditiva com pouca exposição à leitura tátil. Assim, o treinamento se dará pela percepção tátil e da auditiva com mediação do professor.

É necessário buscar alternativas, pois o aluno com deficiência visual tem o domínio da língua falada, assim, elabore atividades simples, lúdicas e comumente realizadas em sala de aula, de forma estruturada, respeitando o grau de dificuldade exigido para cada habilidade.

Antes de elaborar as atividades, pense sobre as sub-habilidades da consciência fonológica:

- Rimas e Aliterações;
- Consciência de palavras;
- Consciência Silábica;
- Consciência Fonêmica.



## **VEJA ALGUNS EXEMPLOS!**

### **JOGO COM RIMAS**

- 1- Amplia o vocabulário e desenvolve a fluência verbal;
- 2- Rimas acompanhadas de movimentos corporais ajudam a desenvolver aspectos sensoriais, habilidades psicomotoras e lateralidade;
- 3- Ainda aumenta a consciência dos sons da linguagem chamados fonemas. Essa consciência é um requisito para aprender a ler e escrever;
- 4- Fundamental na consciência fonológica, pois aprendem como os sons se combinam para formar palavras e frases, começando a entender o ritmo, volume, musicalidade e inflexão da linguagem;
- 5- Trabalho em grupo;
- 6- Recursos assistivos: objetos concretos ou miniaturas pode variar o campo semântico (Peça que cada grupo leve para o dia determinado);
- 7- Inicia-se o jogo, com cada grupo, observando os objetos e analisando como poderá audiodescrever. Escolha um grupo para iniciar e, em seguida, solicite que mostre ao grupo adversário que terá que, em um minuto, encontrar uma palavra que forme duas rimas com a representada pelo objeto. Se conseguir, ganha um ponto e será a sua vez de escolher um objeto e propor aos adversários igualmente. O (a) professor (a) vai registrando no quadro os pontos dos grupos. Depois de algum tempo, propor que escolham dois objetos para que façam mais rimas.

### **TRABALHANDO RIMAS COM MÚSICA**

- 1- Reconhecer e identificar nos textos palavras que rimam;
- 2- Comparar a grafia de palavras que se repetem;
- 3- Trabalho em dupla;
- 4- Recursos: material de escrita do aluno: reglete e punção ou notebook. Os demais alunos videntes: caderno, lápis e caneta.
- 5- Os alunos já ouviram, já cantaram a música, então agora o (a) professor (a) irá ler em voz alta a letra da música e pedir aos alunos que prestem atenção na forma que o autor “brinca” com as palavras, e atentar-se também no som destas, após ouvir o que os alunos perceberam solicitá-los para escrever as palavras que se combinam, ou seja, que possuem o som parecido. O aluno com deficiência visual escreverá as palavras soletradas pelo colega da dupla. Depois disso, listar no quadro as palavras encontradas de modo que fique visível para a turma, e para o aluno com deficiência visual apresentar a lista escrita em Braille. Após esta etapa, o (a) professor (a) poderá solicitar aos alunos que formem rimas com os seus nomes. Comentar sobre o cuidado no uso das palavras para que as rimas com os nomes dos amigos não os magoem. E para finalizar, os alunos podem apresentar as suas rimas.

# UM POUCO SOBRE AUDIODESCRIÇÃO

---



Em caso do uso de vídeos, filmes, imagens e os chamados textos multimodais (tirinha, propaganda e charge etc.), que são representados nas mídias impressas, audiovisuais e digitais, precisam ser inseridos em sequências didáticas baseadas em normas técnicas da audiodescrição.

Entende-se por audiodescrição como a tradução intersemiótica que converte signos visuais em signos verbais, transformando imagens em palavras, obedecendo a critérios de acessibilidade, respeitando as características do público a que se destina. É produzida, principalmente, para pessoas com deficiência visual, mas tem beneficiado também aquelas com dislexia, deficiência intelectual ou déficit de atenção, por exemplo.

A audiodescrição é aplicada a tudo que se pode enxergar, portanto, é bem aceita em exposições de arte, no cinema, nos livros, no turismo, nas redes sociais etc. É necessário que o professor do ensino comum compreenda que a consciência em relação ao domínio imagético também pertence às pessoas com limitação visual. Vale ressaltar que as técnicas de feitura de livros em relevo podem ser repensadas num processo em que se queira rapidez, fazendo uso da audiodescrição.

O professor do AEE auxiliará o professor do ensino comum nessas produções.

Acesse o QR Code abaixo e observe como é feita uma audiodescrição de imagem.



Acesse o QR Code abaixo e veja uma propaganda com audiodescrição:



**IMPORTANTE!** A gravação de livros, a leitura dos livros por outra pessoa ou por sintetizadores de voz ampliam as oportunidades de realização da leitura dos materiais impressos que não foram transcritos para o Braille. Contudo, essas soluções de acesso ao conhecimento apresentam uma grande desvantagem: não permitem que o aluno com deficiência visual faça a leitura sozinho, não oferecendo o acesso à língua escrita da mesma maneira que o Braille oferece.

Acesse o QR Code abaixo e saiba mais sobre Audiodescrição:



# ENSINO REMOTO

---

Professor (a), ao longo desse **PROTOCOLO** foi referenciado a diversificação de práticas pedagógicas voltadas para o aluno com deficiência visual.

Essa diversificação também carece de estar presente em situações que requerem o ensino remoto. E em decorrência da pandemia da COVID-19, no ano de 2020, as escolas públicas e privadas precisaram ser fechadas. E nesse contexto adverso, foi provocado um “BUMMM”, direcionando todos a se reinventarem. A tecnologia passou então a ser indispensável e necessária.

O ensino remoto desafia a aprendizagem, e não é diferente em relação aos alunos com deficiência. Assim, para que o aluno participe o trabalho colaborativo ainda se torna mais importante, já que para a sua efetivação há a necessidade da participação dos professores, da família e da escola.



# UMA CONVERSA SOBRE ENSINO REMOTO E SUAS ADAPTAÇÕES

---



Alguns desafios são primordiais na reestruturação das práticas pedagógicas, como também na maneira de aprender, já que a introdução e a utilização de tecnologias possibilitam a descentralização dos processos educacionais que perpassa o ambiente escolar e permeia as atividades sociais, em específico, dos alunos com deficiência, cuja família, em alguns casos, participa diretamente na realização das atividades remotas.

Além disso, o ensino remoto por meio dessas tecnologias pode contribuir para que esses alunos com deficiência não fiquem totalmente expostos a uma situação de exclusão e de aniquilamento de todo o trabalho desenvolvido ao longo dos anos.

As adaptações curriculares não significam criar um currículo diferente/novo para o aluno com deficiência visual. Seguindo as mesmas adaptações, aqui propostas para o ensino presencial, elas podem ser definidas com modificações necessárias com vistas à adequação de conteúdos, adoção de metodologias alternativas, recursos humanos, técnicos e materiais específicos para atender à diversidade desse contexto remoto.

Professor (a) considere no ensino remoto a importância da escrita correta e promova atividades que envolva os espaços digitais.

As seguintes ações para o ensino remoto o conduziram no processo de planejamento:

- Informe-se com o professor de AEE ou com o próprio aluno sobre os recursos que utiliza para estudar (reglete e punção, máquina Braille, notebook com sistema de voz, gravação), isso vai ajudar no planejamento de aulas inclusivas;
- Inicialmente, promova orientações aos pais e/ou responsáveis, caso seja necessário;
- Verifique a capacidade da internet disponibilizada para este aluno;

- Organize a rotina semanal desse aluno para a realização das atividades: horários de trabalho possíveis e os preferidos e estimule a aderência dos alunos às atividades propostas;
- É importante que toda vez que alguém se pronunciar, diga seu nome para que o (a) colega com deficiência visual possa identificá-lo (a) sem dificuldades;
- No momento da aula on-line, descreva como você, docente, está naquele dia;
- Oriente os alunos a dizerem o seu nome antes de participar da aula com comentários, é importante que a pessoa com deficiência visual saiba quem está falando. Os espaços de fala precisam ser organizados
- As conversas simultâneas atrapalham e tiram a atenção de quem não conta com a visão;
- Oriente os alunos a não utilizarem expressões do tipo “Adivinha quem está falando?”, “Você sabe quem está falando?”, o fato de não enxergar não faz a pessoa com deficiência visual ter a obrigação de saber quem está conversando;
- Explore tarefas cotidianas: compras de mercado, limpeza da casa, culinária, momento de leitura e contação de estórias/fatos do cotidiano que podem ser utilizadas no contexto da aprendizagem ou aperfeiçoamento para a escrita do aluno com o envolvimento da família;
- Crie objetivos específicos para as dificuldades de cada aluno e trabalhe o seu desenvolvimento;
- Crie várias atividades com o mesmo objetivo, deixe que o aluno escolha qual lhe parece mais interessante ou adequada às suas possibilidades;
- Produza PODCASTS;
- Dê flexibilidade para que a mesma atividade seja realizada por escrito, vídeo e áudio;
- Flexibilização da entrega, isso porque talvez o aluno necessite de ajuda para as gravações de vídeos e nem sempre tenha alguém que possa ajudá-lo;
- Proporcione momentos de escuta ativa para sondar inquietações e dificuldades;
- Envolver a turma na realização de atividades acessíveis para o colega com deficiência visual;
- Proporcione momentos com o professor do AEE para troca de experiências pedagógicas e para a solução de dificuldades;
- Oriente o aluno a superexposição às telas (computadores, celulares), atentar para a segurança digital;
- As adaptações para o Braille será necessário que o professor do ensino comum envie por via digital para o professor do AEE. Atente-se para o tempo de entrega e devolutiva.
- Elabore atividades pensando que sua aplicação possa ser feita por meio dos recursos digitais.

# RECURSOS DIGITAIS

---



*O Protocolo de retorno à aulas remotas ( BAHIA, 2021) orienta que*

- 1- Esses recursos digitais são de fácil acessibilidade para o aluno com deficiência visual;
- 2- A escolha desses recursos digitais poderá ser feita de acordo com a sua escolha e dentro da melhor maneira que o aluno e/ou a família se adapte; Outros espaços digitais serão necessários uma melhor análise;
- 3- Em outro ambiente virtual, com formato semelhante ao Google Meet (vídeo e chat), sugere-se evitar o compartilhamento de informações via links e arquivos, paralelo às interações orais, isto porque a atenção da pessoa com deficiência visual deverá estar voltada para o áudio do diálogo e não de leitores de tela, por conta de sua especificidade no que se refere à privação sensorial visual, assim, a disponibilização desses links pode ser feita em um arquivo no formato Word (Word Document) ou ODT (Open Document Text), para que o (a) estudante possa acessar previamente ou posterior à aula;
- 4- Outro aspecto importante, no caso do Google Meet, é o uso do chat, faça um combinado com a turma para colocar apenas dúvidas sobre o que está sendo discutido, pois a pessoa com deficiência visual utiliza o leitor de tela e requer um tempo maior para leitura. Nós videntes, enxergamos simultaneamente os slides e o chat, a pessoa com deficiência visual não. Mensagens acumuladas no chat será uma barreira e desviarão a atenção desse aluno. Ele precisa ouvir a aula e o que acontece no chat também. Pense nisso!

5- Proponha atividades em grupo, que possam ser realizadas utilizando os recursos do Google Class Room. Converse com a turma sobre possibilidades de ajudarem esse colega com deficiência visual, revezando-se na leitura dos materiais e no cumprimento das atividades: é o princípio da coexistência, afinal é convivendo com uma pessoa com deficiência, mesmo remotamente, que aprenderemos, mesmo que parcialmente, a nos relacionarmos com ela.

6- Em atividades que necessita realização concreta solicite fotos e vídeos dos alunos, como a leitura de textos escritos em Braille ou realização de atividades orais e/ou sensoriais;

7- Ao compartilhar a tela se está apresentando slides descreva o que tem no plano de fundo e leia o conteúdo. Pode ser uma leitura coletiva, cada estudante pode ler um slide, assim a aula fica mais dinâmica e participativa, se for outro tipo de material, descreva também, no começo parecerá difícil, mas com a prática frequente você perceberá o quanto é importante tornar o conteúdo acessível. Peça ajuda à família e aos docentes do AEE, os profissionais mais indicados para auxiliar nesse processo;

8- As atividades precisam ser adaptadas de maneira acessível, seguindo os critérios abaixo:

a) Textos e atividades no Word;

b) Evite textos dentro de caixa de texto;

c) Utilize linguagem clara e objetiva, proporcionando autonomia do aluno nos estudos;

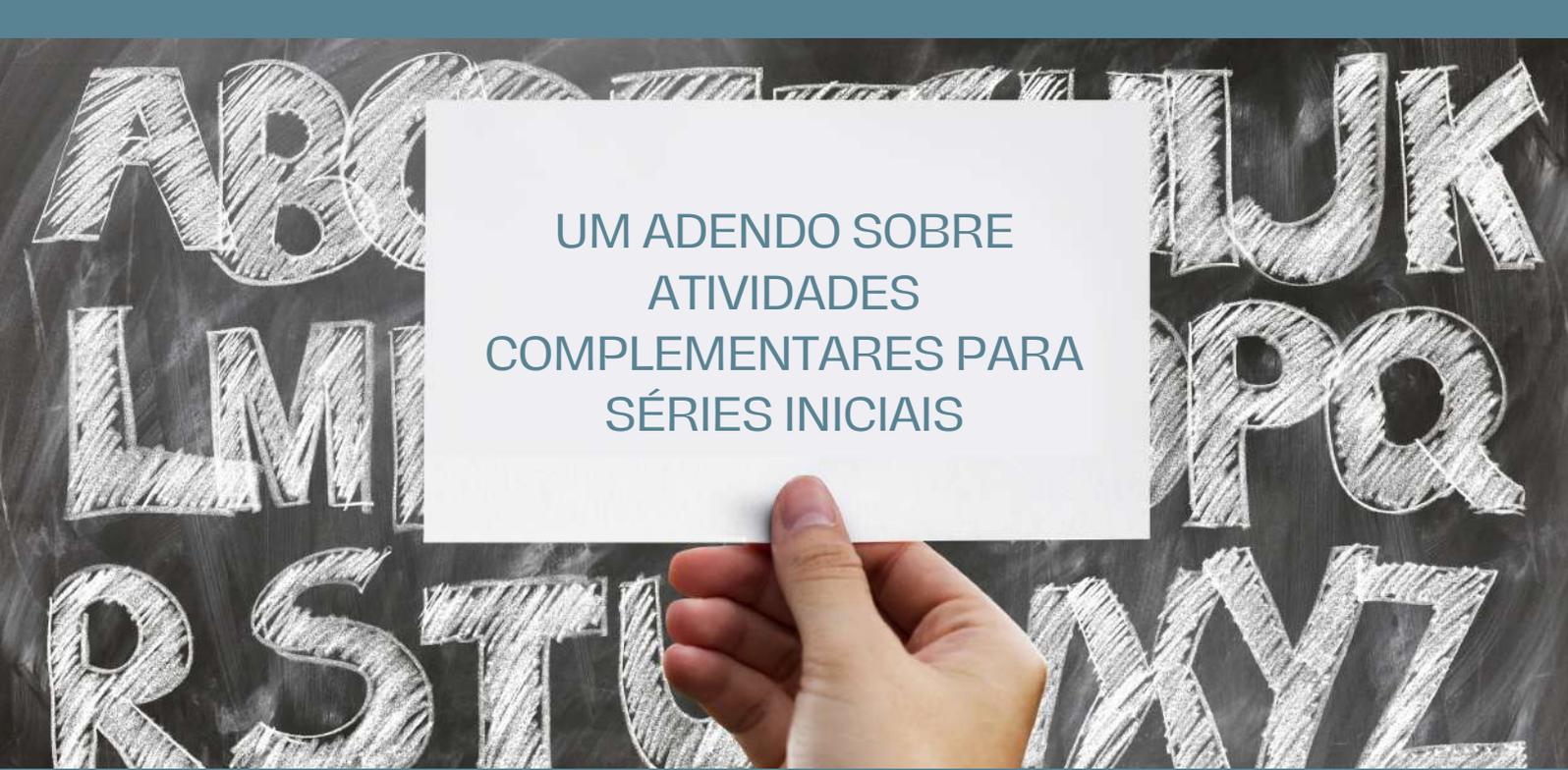
d) Audiodescrição, no caso de imagens, com equivalência textual; Caso utilize um vídeo, como recurso para a aula, verifique se tem audiodescrição, envie-o com antecedência para que o aluno possa se ambientar com o vídeo e participar das discussões que porventura ocorram na aula. Se for utilizar um filme, pesquise uma versão dublada;

e) Solicite adaptações ao professor do AEE como a audiodescrição de imagens em atividades e do livro didático.

**Importante!** As atividades que envolvam material concreto ou sensorial precisam de consulta prévia sobre a disponibilidade em casa ou tente pensar em materiais comuns de qualquer casa.

## Avaliação, o que fazer?

- Considere adiar as avaliações classificatórias ou repense as práticas avaliativas;
- Privilegie avaliações formativas, pois desenvolve o crescimento pessoal e individual, igualmente o feedback construtivo e tenha como base os próprios parâmetros individuais do aluno com deficiência visual;
- Estenda a margem de tempo para a devolução das atividades. O tempo adicional dependerá das características das atividades a realizar, assim como as especificidades do (a) aluno (a). No caso das atividades assíncronas é importante compreender que esse aluno pode precisar de algum suporte familiar ou pedagógico do AEE, por isso é importante, caso seja necessário, ampliar o prazo de entrega, pois alguma atividade pode demandar um nível maior de atenção e complexidade;
- Você pode utilizar videochamadas, áudios com gravações de respostas de uma determinada atividade, fixando um dia de entrega, pois o aluno pode não dispor de recursos como computador, leitor de telas, por isso é importante flexibilizar as formas de avaliação;
- Entre em contato com o (a) docente de AEE que acompanha esse (a) aluno (a), caso seja necessário mostre a(s) avaliação (ões) e peça auxílio, a troca entre vocês será muito importante nesse processo;
- Auxilie o aluno a evoluir, promova a motivação;
- Atente para o registro das atividades por meio de fotos/prints/e-mails para futuros anexos em relatórios.



## UM ADENDO SOBRE ATIVIDADES COMPLEMENTARES PARA SÉRIES INICIAIS

Nas séries iniciais do ensino fundamental é importante que o professor do ensino comum conceba que o processo de aquisição da escrita não se resume as sequências e passos metodológicos que leve simplesmente a um ato de codificar e decodificar o oral e o escrito. Isso parece conduzir a um caminho estreito, que dissocia da significância e do contexto de aprendizagem do aluno com deficiência visual nessa etapa escolar.

Professor (a) é importante ter em mente que o aspecto corporal contribui em muito para a estruturação da inteligência como um todo, inclusive quanto aos processos verbais e cognitivos para o aluno com deficiência visual. Pois, a ausência da visão, desde a infância, implica uma complexidade na concepção de corpo, já que o uso completo de todos os sistemas sensoriais ajuda a criança a atingir seu mais alto potencial de aprendizagem e desenvolvimento.

Em Martín (2010), tem-se a afirmação de que as crianças com deficiência visual grave necessitam ser provocadas, numa situação satisfatória, para atingir o seu desenvolvimento pela mesma progressão que as crianças sem deficiência. Então, o ver, o ouvir, o tocar corretamente são aspectos que requerem aprendizagem espontânea ou intencional na idade mais precoce possível.

Nesse sentido, explore na rotina semanal do aluno, seja em aulas presenciais ou remotas, a ênfase ao aprendizado sistemático e adequado com o outro, com o objeto e com o ambiente por meio do corpo, numa abordagem multissensorial. Isso promove, pois, várias operações e atitudes dos campos perceptivos e psicomotores que levam ao aprendizado formal do Sistema Braille, por exemplo.

As estratégias precisam envolver atividades com treinamento tátil e auditivo, pois possibilitam estímulos que levam a compreensão oral e a discriminação auditiva, e conduzem o aluno com deficiência visual a um caminho para compreender. A segmentação das unidades da fala e sua relação com grafemas em processos de pré-leitura serão as bases do planejamento associadas a consciência fonológica e a uma abordagem multissensorial. Mas é necessário ter a palavra escrita em Braille, pois esta é essencialmente importante e evita que, na maioria das vezes, esse aluno seja oralizado em todo o ensino fundamental I.

**Importante!** As atividades devem se adequar ao nível do aprendizado em Braille desse aluno, se o mesmo escreve apenas letras e palavras, por exemplo.

As atividades a seguir são modelos de atividades que podem ser aplicadas tanto no ensino presencial quanto no ensino remoto. São atividades de estimulação sensorial e de escrita.

Acesse o QR Code para visualizar uma atividade sensorial.



Acesse o QR Code para visualizar o modelo de atividade de escrita para esse público das séries iniciais.



Acesse o QR Code para uma leitura sobre Atividades Complementares no ensino remoto.



# BLOCO 5

## O QUE FAZER COM AQUELE ALUNO QUE PARECE NÃO APRENDER



Professor (a) tenha sempre em mente: “as pessoas aprendem de maneiras diferentes e, por isso, devem existir também diversas formas de ensinar”, estes são os princípios da educação inclusiva.

Assim, em qualquer experiência educativa, todos os alunos demonstram formas e ritmos distintos de se desenvolver, o que não seria diferente para o aluno com deficiência visual. Professor (a), quando perceber sinais que impossibilitam o aluno avançar, questione:

- 1- *Como você avalia esse aluno cujo processo de aprendizagem não atingiu os objetivos do seu planejamento?*
- 2- *O que foi planejado não colaborou para que ele pudesse avançar em seus conhecimentos sobre a escrita?*
- 3- *Ou o aluno teria outras dificuldades?*

Em seguida, retome suas observações sobre os resultados de aprendizagem e avalie quanto esse aluno avançou.

**Atenção!** A avaliação deve ser processual para que possa identificar as especificidades do aluno e auxiliar o planejamento do trabalho necessário.

As dificuldades apresentadas ou a natureza do conteúdo ensinado precisam ser revistos. Assim,

- Explique de outra forma;
- Adote uma intervenção pedagógica complementar;
- Planeje atividades diferenciadas durante a aula com o trabalho conjunto com um colega.

### **Lembre-se!**

É preciso ter uma diversidade de atividades com diferentes propósitos e, ao mesmo tempo, uma repetição delas para que o desempenho do aluno seja cada vez melhor. Não é preciso inventar novas atividades a cada dia, mas é importante variar o gênero a ser trabalhado (contos, parlendas, listas, poemas, textos instrucionais etc.) e o tipo de ação linguística a ser explorada.

*Care Professor (a), para não finalizar*

*Apoiamo-nos, por meio dessa publicação,  
com o "tratado de sonhos e sentidos na  
constância da boniteza do ensinar e  
aprender".*

*Publicizamos, mais uma vez, nesse  
compromisso com a formação permanente  
de professores que sejam capazes de  
sonhar, de ensinar e de transformar uma  
educação para todos...*

## REFERÊNCIAS

ARATANGY, Claudia Rosenberg, VASCONCELOS, Rosalinda Soares Ribeiro de, ALMEIDA, Ivânia Paula. Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador – 2º ano. 7. ed. comp., rev. e atual. Dos volumes 1 e 2. São Paulo: FDE, 2014. 320 p.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAHIA, Diretrizes da Educação Especial. Salvador, 2017. <http://escolas.educacao.ba.gov.br/educacaoespecial>. Acessado em: 10 de dezembro de 2020.

BAHIA, Secretaria de Educação do Estado da. Protocolo de retorno à aulas remotas. Superintendência de Políticas para a Educação Básica, 2021.

BOTELHO, Amanda Ribeiro; FARIAS, Iara Rosa. Consciência Fonológica e Sistema Braille: reflexões sobre o tratamento da ortografia. In \_\_\_\_\_ Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto social: questões contemporâneas organizadores: Félix Díaz Miguel bordas, Nelma Galvão & Theresinha Miranda Salvador. EDUFBA, 2009.

BRASIL, 2004, Decreto n. 5.296, de 2 de dez. de 2004. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm); acesso em: 20 setembro 2020.

BRASIL. Projeto Olhar Brasil: triagem de acuidade visual - manual de orientação. Ministério da Saúde/Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº. 2 de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC, 2001. Acessado em: 06 de fevereiro de 2021. <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao2.pdf>

CRUZ, Cátia Maria Paim. Integração escolar do aluno com cegueira: da intenção à ação. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Estadual de Feira de Santana/Centro de Referência Latino americano para La Educacion Especial. Feira de Santana.

FAZENDA, Ivani. Natureza Interdisciplinar. Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade. Núcleo de Estudos para o Futuro. PUC – São Paulo, 2012.

MARTÍN, Manuel Bueno; Salvador Toro Bueno. Deficiência visual: Aspectos psicoevolutivos e educativos/coordenadores [Tradução: Magali de Lourdes Pedro]. – [1.ed.,2. impr.]. – São Paulo: Santos, 2010.

MEC. Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Visual. SEESP/SEED/MEC Brasília/DF – 2006.

MORAIS, A. G. Ortografia: Ensinar e Aprender. 4. ed. São Paulo, 2001.

SILVA, Alessandro. Ortografia na sala de aula/organizado por Alessandro da Silva, Artur Gomes de Moraes e Kátia Leal Reis de Melo. – 1. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. Inclusão: uma questão também de visão – estratégias de ensino utilizadas com uma criança cega – Natal: UFRN, 2004. 488p. il.